

**CONAN DOYLE**

**O CÃO DOS  
BASKERVILLE**

*Texto  
integral*

Tradução

**Heloisa Jahn**

Ilustração

**Shimamoto**

**ea**

editora ática

Titulo original: *The hound of the Baskervilles*  
Titulo da edição brasileira: *O cão dos Baskerville*

Editor	Fernando Paixão
Assistência editorial	Mário Vilela Otacílio Nunes
Preparador	Renato Nicolai
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Cátia de Almeida

ARTE	
Editor	Jayme Leão
Ilustração/capa e miolo	Shimamoto
Editoração eletrônica	NósBrasil Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

D784c  
5.ed.

Doyle, Arthur Conan, Sir, 1859-1930  
*O cão dos Baskerville* / Conan Doyle ; tradução Heloisa Jahn ; ilustração Shimamoto - 5.ed. - São Paulo : Ática, 1999.  
900p. : il. - (Eu Leio)

Tradução de: *The hound of the Baskervilles*  
ISBN 978-85-08-05896-9

1. Holmes, Sherlock (Personagem fictício) - Ficção. 2. Detetives particulares - Inglaterra - Ficção. 3. Bênção e maldição - Ficção. 4. Ficção policial inglesa. I. Jahn, Heloisa, 1947-. II. Shimamoto, Julio, 1939-. III. Título. IV. Série.

10-9354.

CDD: 823  
CDU: 821.111-3

---

ISBN 978 85 08 05896-9 (aluno)

92013  
5ª edição  
14ª impressão  
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática  
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# CONAN DOYLE

## Como se fabrica um detetive

---

Marcos Rey

*A* Arthur Conan Doyle foi um escritor de olhares agudos atraídos pelo visual, pelo mundo das imagens. Coisa de família: seu pai, John, e seu tio Richard eram ilustradores, o que ele também poderia ter sido, tal sua paixão pela descrição objetiva de figuras humanas e ambientes. Era um desenhista, muito voltado aos detalhes, que usava palavras no lugar de traços. O famoso ilustrador Sidney Paget logo apanhou essa característica do escritor e deu a Sherlock Holmes e ao dr. Watson o aspecto gráfico que até hoje os desenhistas mantêm. Essas figuras, tão rigorosamente definidas como Dom Quixote e Sancho Pança, logo apareceram em quadrinhos da imprensa diária, inclusive em tiras de humor para satirizar atualidades. Quando surgiu o cinema, a dupla, já tridimensionalizada pelo teatro, saltou para a tela. Quantos atores já viveram Sherlock ante as câmeras! O mais frequente e notável deles, suponho, foi Basil



Rathbone, que convencia plenamente com sua rígida magreza e sua testa ampla, com espaço para armazenar os mais complicados raciocínios.

A invenção do personagem Sherlock Holmes advinha de uma observação pessoal também própria de quem convivia com ilustradores em casa. Na Universidade de Edimburgo, Conan Doyle ficara impressionado com a figura de

águia de Joseph Bell, um de seus professores, tipo estranho, bizarro, que, o aluno anotou, tinha verdadeira mania de valorizar pequenas observações. Conan Doyle comentou que Bell daria um detetive, voltado a métodos científicos, um tanto parecido com o Auguste Dupin, de Edgar Allan Poe, um de seus autores favoritos.

A ficção policial detetivesca, de investigação, começara com Poe ao publicar o conto “Os crimes da rua Morgue”, seguido

de “O escaravelho de ouro”. Creio que cabe também a Poe a primazia de ter lançado a murder story, história de crime, diversidade em que detetive e elucidação de assassinatos são dispensáveis. “O barril de Amontillado” é o primeiro ou um dos primeiros contos dessa linha. Apenas muitos anos depois, já no século XX, com o livro Os 39 degraus, do inglês John Buchan, seria lançada a ficção de espionagem moderna, outra ramificação do gênero policial.



Watson e Holmes, numa das célebres ilustrações de Sidney Paget. Walter Paget, irmão do artista, serviu de modelo para o detetive — e, por esse caminho curioso, ganhou a imortalidade

*Quando Conan Doyle conheceu Poe e Gaboriau, criador de M. Lecoq, o policial ainda era um território recente da ficção, aberto à imaginação. Na época, o jovem estudante não pensava nisso, ele queria era obter um diploma. Depois de uma temporada num colégio da Áustria, retornou a Edimburgo, onde nascera a 22 de maio de 1859, formando-se aí em medicina. Oftalmologia foi sua especialização.*



## A estreia

*Enquanto exercia a profissão nos hospitais de Londres, Conan Doyle fazia seus experimentos literários, agora mais fascinado por Walter Scott e pelos romances históricos. Mais tarde estabeleceu-se com clínica própria, o que foi um fracasso. Mal ganhava para sustentar-se. Foi quando criou o detetive Sheringford Holmes. Não sei se ainda com esse nome, a primeira aventura do detetive saiu publicada nas páginas da revista Strand Magazine, com o título “Um estudo em vermelho”. Quando apareceu em livro, a ilustração da capa era de seu pai, John.*

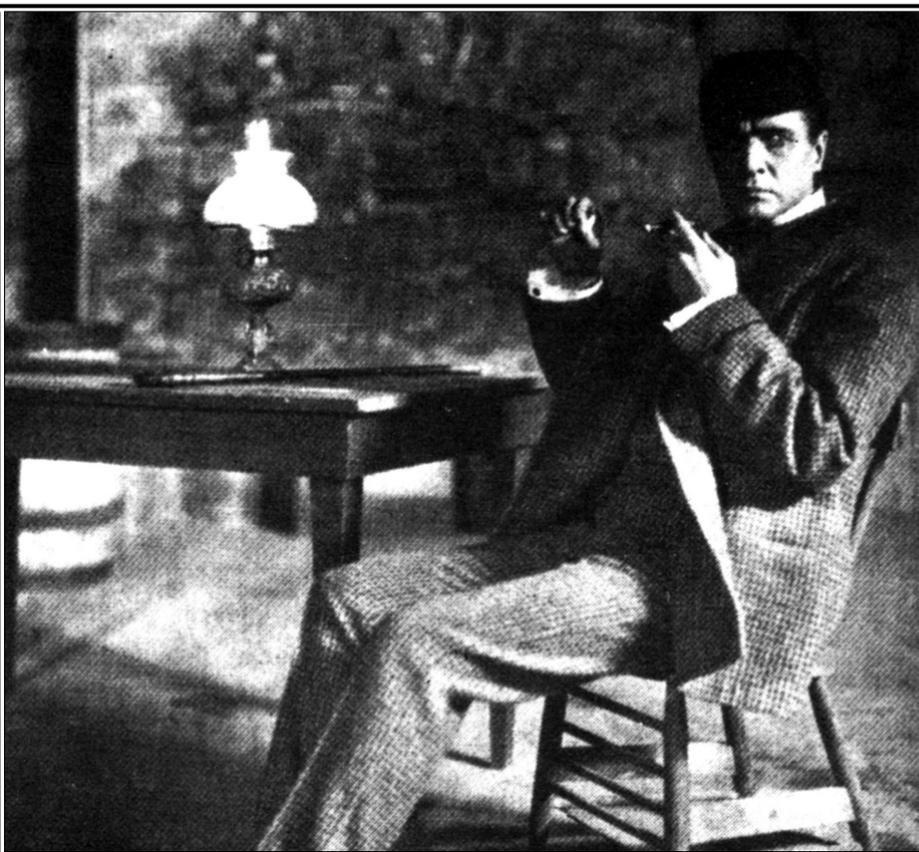
*O grande acerto foi a criação do detetive com quem o dr. Watson dividiu o aluguel da Baker Street, 221B. Fisicamente era alto, mais de um metro e oitenta, muito ossudo, dando porém a impressão de força fora do comum. Não fez uma descrição minuciosa dos traços do rosto, para que a imaginação do leitor tivesse campo para atuar. As roupas foram quase que doações de ilustradores. Conan Doyle não se preocupou muito com o alfaiate de Sherlock. Caprichou, contudo, no interior do detetive,*

seu recheio paradoxal, tão cheio de contradições. Apaixonado pela ciência, era estranhamente voltado à música. Quando os enigmas lhe pareciam insolúveis, tocava violino. Violência não casa bem com instrumentos de corda, mas Sherlock não fora imaginado para ser um detetive comum. Recorria, claro, com maior frequência, ao cachimbo, tanto que é visto pelos ilustradores mais vezes fumando que dando concertos musicais... A cultura de Holmes/Conan Doyle tornou-se surpreendente até pelas lacunas. Conhecia tudo de química, muito de anatomia e legislação britânica. Literatura ignorava, a não ser a dita sensacionalista. Watson deu-lhe zero em filosofia e astronomia. Conhecimentos de geologia práticos, mas limitados. Acho que exagerou ao afirmar que Sherlock, em fins do século XIX, ignorasse que a Terra gira em torno do Sol. Certamente o detetive brincava. Outra esquisitice de Sherlock era a misoginia. Não era desses que vivem correndo atrás de rabo de saia. (Mas ficou razoavelmente vidrado por uma Irene Adler, personagem do conto posterior “Um escândalo na Boêmia”, mulher esperta, capaz de tecer finos raciocínios.) Interessado ou não, diante da mulher, fosse qual fosse a sua classe, era sempre o



gentleman, o cavalheiro perfeito, embora sem afetação.

Doyle atribuiu outro defeito à sua criatura, mas não na condição de vício, dependência, e sim de extravagância sob controle: o da cocaína ou outra droga, da qual parecia fazer uso reparador entre um caso e outro. Outro dado pessoal para configurar a raridade humana que Holmes era, colocado pelo próprio autor no universo da fofoca. Mais intimidades Watson,



*o memorialista, não segredou porque logo casou, mudando-se da Baker Street.*

*Um estudo em vermelho foi grande sucesso, porém o proprietário de outra revista procurou Arthur e lhe pediu outro, com uma condição: o personagem central, o tal detetive Holmes, teria de reaparecer juntamente com seu secretário Watson. Conan Doyle não esperava por essa exigência, mas estava precisando de dinheiro e*

*Dois momentos de William Gillette, o primeiro Holmes do teatro. Muito carismático, Gillette criou boa parte do folclore sherlockiano, como o clássico chavão "Elementar, meu caro Watson"*

*concordou. Faria outro romance usando a figura de Sherlock. Em 1890 aparecia O signo dos quatro, que, como o primeiro livro, obteve um êxito relativo. A essa altura, as figuras de Sherlock e Watson já estavam solidamente configuradas na cabeça de Arthur. Sentia que podia lidar*



*com elas desembaraçadamente, jogando com humor, esquisitices e um tipo muito direto e comunicativo de diálogo.*

*Descobriu que não precisava do universo de um romance para que a dupla pudesse atuar. O conto seria a medida certa para as aventuras do grande detetive particular e do seu secretário médico. Testou a forma reduzida no conto “Um escândalo na Boêmia”, publicado em 1891 na Strand Magazine. Aí o sucesso estourou definitivamente, e seu nome ficou conhecido da noite*

*para o dia em toda a Grã-Bretanha. O jeito bizarro do professor Bell estava todo no personagem de ficção, como um ímã, e mais: havia naquele conto e nos que se seguiriam uma imagem de Londres, um cheiro acre da metrópole, que somente Dickens fora capaz de captar. O escritor revelava o charme daquela Londres sombria, cujas periferias e arredores a burguesia desconhecia completamente. O que Conan Doyle contava se opunha à ideia de uma capital pacífica, centro do bem-ordenado*



*A Londres vitoriana, uma cidade em que riqueza e miséria não conviviam muito bem: a criminalidade era altíssima. Conan Doyle mostrou com muito vigor o lado sinistro dessa que era a maior metrópole do mundo*

*império vitoriano. Ele expunha uma Inglaterra perigosa, habitada por estrangeiros misteriosos, onde a ambição, à luz do sol ou protegida pelo fog, não descansava.*

*Depois de “Um escândalo na Boêmia”, Conan Doyle publicou mais cinco histórias. Anunciou então que passaria a dedicar-se aos romances históricos, sua verdadeira vocação. Mas*

*capitulou quando lhe pediram uma nova série de doze contos pagando-lhe uma pequena fortuna. Nessa ocasião as aventuras de Sherlock Holmes já apareciam noutros países, como nos Estados Unidos e na França, e Um estudo em vermelho e O signo dos quatro eram traduzidos. O cachimbo, o boné e a lente de Sherlock, estilizados, começavam a correr o mundo. Esses objetos conquistavam os ilustradores, além dos atores que sonhavam viver no palco o papel do famoso detetive particular.*

---

## Sherlock assassinado

*Conan Doyle, porém, como se a fama não fosse seu objetivo na vida, decidiu cometer um assassinato. Matar Sherlock Holmes. Incumbiu da tarefa o próprio professor Moriarty, matemático, o principal inimigo de Sherlock, que com ele despenca num abismo nos Alpes, no conto intitulado “O problema final”. A Inglaterra ficou de luto com esse falecimento. Surgiram protestos pela imprensa e abaixo-assinados que reclamavam a volta do herói. Pessoas procuraram Conan Doyle com lágrimas nos olhos. Ele, contudo, insensível, passou a dedicar-se, como vinha anunciando, à literatura histórica de ficção. Escreveu diversos romances do gênero, como As aventuras de Miqueias Clarke, Escudeiro heroico e Aventuras de Gerard.*

*Nenhum desses lançamentos alcançou o sucesso que Conan Doyle esperava. Reconhecia-se que tinham valor, mas faltava neles qualquer coisa. Essa coisa talvez fosse... Sherlock Holmes. Parecia até que o público queria vingar-se de Conan Doyle, o assassino de seu herói, desaprovando suas novas produções. Nunca se sabe do que o público é capaz.*

*A verdade é que Conan Doyle temia permanecer na literatura inglesa como um escritor de entretenimentos, em virtude do preconceito já existente contra os livros policiais, apesar de um nome como o de Edgar Allan Poe ter sido o iniciador do gênero. Mas “matara a fera”, como declarara, e já nada era possível fazer. Enquanto isso, seus contos, reunidos em volumes, eram relançados em inglês e traduzidos em outros idiomas. Sherlock Holmes, mesmo morto, era um cidadão do mundo.*

---

*Numa caricatura famosa, Conan Doyle aparece como prisioneiro de sua própria criação*





*Conan Doyle escreveu seus romances históricos, fez viagens aventurescas à África, mergulhou em livros científicos, atento às últimas conquistas, e recaiu num marasmo. Amigos íntimos lhe solicitavam novos contos da série sherlockiana, e uns até o desafiavam afirmando que sua verve policial se esgotara. Havia sido Sherlock que o abandonara, essa era a verdade.*

*Um desafio é um desafio, difícil de esquecer. A não ser quando enfrentado e vencido. Conan Doyle decidiu escrever mais um trabalho policial que de*

*Holmes e Moriarty despencam para a morte no conto "O problema final" (também ilustrado por Paget). A indignação dos leitores foi tão grande que Conan Doyle precisou ressuscitar o falecido detetive*

*forma alguma fosse inferior aos já escritos. E escreveu uma de suas obras-primas, a novela O cão dos Baskerville, quase dez anos após a queda de Sherlock do despenhadeiro.*

*Depois desse gordo retorno, que apareceu em volume à parte, Conan Doyle escreveu outros contos, logo reunidos numa edição também vitoriosa, A volta de Sherlock Holmes, que*

representava a vitória do insistente público sobre o criador daquele herói nacional.

---

## Um detetive que não envelhece

*N*essa época Conan Doyle talvez já estivesse convicto de que seus contos policiais eram muito mais que mero entretenimento. Sua entrada no século XX se fazia gloriosa, e, afinal, resignar-se com a fama é mais cômodo que aceitar o fracasso. A crítica reconhecia que o médico de Edimburgo era dono de um estilo enxuto e vigoroso. Sem palavras inúteis. E que os contos tinham uma carpintaria sólida, competente, profissional, de causar inveja a outros escritores considerados sérios. Mais ainda, o filho e sobrinho de ilustradores, como já dissemos, era um retratista incomparável da Londres noturna e misteriosa, parcamente iluminada a gás e percorrida por carruagens de todo o tipo, cenário que ainda hoje seduz os diretores de cinema.

Logo nasceriam os filhos dos leitores iniciais de Sherlock, e o detetive que atravessara de um século a outro resistia ao teste da passagem de uma geração. Nesse tempo já lhe acrescentavam

detalhes e cacoetes, um deles o de dizer sempre: “Elementar, meu caro Watson”. Sherlock nunca disse essa frase. Elementar, sim, disse inúmeras vezes, como também tratava Watson de meu caro — mas tudo junto, como se ironizasse o amigo, não. Atribui-se essa criação ao ator William Gillette, contemporâneo de Doyle, o primeiro dos muitos Sherlocks do palco. Quanto ao cinema, abusou do professor Moriarty, o grande inimigo do detetive, chamado por ele de Napoleão do Crime, que na obra de Conan Doyle aparece duas únicas vezes.

Inúmeros roteiros cinematográficos foram ligeiramente baseados nos contos de Conan Doyle, enquanto outros nada têm deles. Lembro-me, porém, duma adaptação fiel, inglesa, muito antiga, A tira salpicada, extraída do conto que já li com os títulos “A faixa sarapintada” e “A faixa malhada”. O cão dos Baskerville, contudo, teria sido a versão para o cinema que mais êxito alcançou.

A maioria dos contos de Conan Doyle, sobre Sherlock Holmes e Watson, é adaptável para outras linguagens, devido a seu desenvolvimento que sempre aciona mistério, terror e uma dose considerável de ação.



*Basil Rathbone (Holmes) e Nigel Bruce (Watson) foram os mais famosos intérpretes da obra de Conan Doyle no cinema. Aqui duas sequências de O cão dos Baskervilles (1939). Compare a foto menor com a ilustração da página 4: a influência de Paget é evidente*



*Alguns são mesmo inesquecíveis, como “O clube dos homens ruivos”, “Os cinco carços de laranja”, “O carbúnculo azul”, “O polegar do engenheiro”, “O círculo vermelho” e muitos outros, entre os sessenta que escreveu.*

*Em seus últimos anos, Conan Doyle, vivendo de direitos autorais, inclusive de peças*

*teatrais baseadas em seus contos, passou a dedicar-se ao espiritismo e a escrever sobre ele. Os mistérios do Além eram o que então o seduzia.*

*Faleceu em Cowborough, Sussex, no ano de 1930, pouco antes que seus personagens Sherlock e Watson, já no cinema falado, se tornassem rendosas atrações.*

# SUMÁRIO

## ■ CONAN DOYLE

Como se fabrica um detetive

- Sherlock Holmes / 18
- A maldição dos Baskerville / 25
- O problema / 36
- Sir Henry Baskerville / 45
- Três fios partidos / 58
- O solar de Baskerville / 68
- Os Stapleton de Merripit / 78
- Primeiro relatório do Dr. Watson / 93
- Segundo relatório do Dr. Watson / 102
- Trecho do diário do Dr. Watson / 122
- O homem do penhasco / 133
- Morte na charneca / 148
- Armando as redes / 163
- O cão dos Baskerville / 174
- Um retrospecto / 186

# O CÃO DOS BASKERVILLE

**O**s dez anos sem escrever sobre Sherlock Holmes, assassinado pelo terrível professor Moriarty, repesaram a energia criadora de Conan Doyle no campo da ficção policial. E tanto que o detetive e seu *partner*, dr. Watson, tão aguardados, não poderiam regressar às passarelas mundiais num simples conto. O retorno, com a corda toda, fato único de ressurreição de personagem, exigia um romance. E romance que não podia de forma alguma decepcionar.

Essa explosão de criatividade, depois da teimosa omissão, produziu *O cão dos Baskerville*, na opinião de muitos o melhor trabalho longo de Conan Doyle, sem dúvida o que possui maior dose de mistério, clima, vaivéns e suspense.

Literariamente, aí não há dúvida: *O cão dos Baskerville* supera tudo que seu autor já

escrevera. Se antes marcara sua produção pela segurança do texto, equilíbrio, capacidade de síntese, vivacidade dos diálogos e admirável carpintaria do enredo, neste, como discípulo do mestre Edgar Allan Poe, o pai do romance policial, revela-se um notável escritor, capaz de descrever ambientes como poucos o fizeram. O imenso solar dos Baskerville e a charneca soturna que o rodeia, ambos fantasmagóricos, são apresentados com o talento de um verdadeiro pintor, diabólico no jogo contínuo de misturar e tirar efeitos de cores, sombras e transparências.

O interesse despertado pela história é imediato. Conan Doyle não perde tempo para fisgar o leitor. Morre *sir* Charles Baskerville em circunstâncias cheias de suspeição. Na terra há sinais frescos de pegadas, não de gente mas... de um cão enorme. Seu sucessor, Henry,

recebe um aviso em letras recortadas de jornal: se dá valor à sua vida afaste-se da charneca. No hotel em Londres onde Henry se hospeda, roubam-lhe um sapato novo. Depois um velho. Por quê? Um estranho barbudo, num tálburi, circula pelas imediações da casa do detetive, espiando. Observado, despede-se do cocheiro, informando, sarcástico: Eu me chamo Sherlock Holmes. E some.

Curiosamente, o dr. Watson segue sozinho para Baskerville. Durante alguns dias se vê no centro dum enigma que se avizinha do terror. Sua missão, a de proteger *sir* Henry, parece-lhe difícil demais. Para piorar as coisas um fugitivo de presídio, homicida, esconde-se na charneca. Há sinais de luz de vela feitos no meio da noite, o choro pungente de uma mulher no solar e o mais aterrador: o uivo de um gigantesco cão através dos campos escuros. Por onde anda Holmes, que não aparece?

A cada página intensifica-se o perigo que ameaça a vida de *sir* Henry, o herdeiro do solar, das terras e da fortuna dos Baskerville. Quem teria interesse em matá-lo se não havia, supunha-se, outros herdeiros? No momento mais crítico da narrativa, em que tudo parece pesar nos ombros cansados do dr. Watson, Sherlock Holmes imprevistamente reaparece trazendo uma linha de dedução, que, sem excluir muita ação, muito risco pessoal, sangue, leva à solução do enigma. Portentoso!

Asseguro: vocês vão ler uma das melhores histórias policiais já escritas em todos os tempos, uma obra-prima do gênero, dessas que não se esquecem mais. Inspiradora de centenas de outras, frequentemente tem sido inclusive plagiada no cinema e na televisão. Mas na literatura, como em tudo, imitações ou plágios só servem para valorizar ainda mais as obras originais.

**Marcos Rey**

*MEU CARO ROBINSON,*

*Esta história deve sua concepção  
a sua narrativa de uma lenda das  
Terras do Oeste. Por esse fato e  
pela ajuda nos detalhes,  
meus agradecimentos.*

*Sinceramente seu,*

*A. CONAN DOYLE*

*HINDHEAD,  
HASLEMERE*

---

## Sherlock Holmes

**O** sr. Sherlock Holmes, que tinha por hábito levantar muito tarde, exceto nas ocasiões não de todo raras em que passava a noite acordado, estava sentado à mesa do café da manhã. De pé sobre o tapete da lareira, peguei a bengala esquecida por nosso visitante na noite anterior. Era uma bela peça de madeira maciça, de castão bulboso, do tipo conhecido como “Penang lawyer”. Logo abaixo do castão havia uma cinta larga de prata de uns três centímetros de comprimento. “A James Mortimer, M.R.C.S., de seus amigos do C.C.H.”, era a inscrição gravada na cinta, juntamente com a data “1884”. Exatamente o tipo de bengala que os médicos de família à antiga costumavam usar — digna, sólida e tranquilizadora.

— Muito bem, Watson. A que conclusões você chega?

Holmes estava sentado de costas para mim e eu não fizera comentários sobre o que ocupava minha atenção.

— Como você sabe o que eu estava fazendo? Acho que você tem olhos na nuca!

— Pelo menos tenho um bule de café banhado em prata muito bem polido diante de mim — disse ele. — Mas me diga, Watson, quais são suas conclusões quanto à bengala de nosso visitante? Visto que por desgraça não chegamos a encontrá-lo e ficamos sem saber o que ele queria, essa recordação acidental adquire importância. Faça uma reconstrução do homem observando sua bengala.

— Acho — disse eu, procurando utilizar o melhor possível os métodos de meu companheiro — que o dr. Mortimer é um médico já idoso, bem-sucedido e estimado, já que as pessoas que o conhecem lhe ofereceram isto como marca de afeição.

— Bom! — disse Holmes. — Excelente!

— Também me parece que talvez ele seja um clínico do interior, desses que fazem boa parte de suas visitas a pé.

— Por que isso?

— Porque esta bengala, que devia ser muito bonita quando nova, está tão castigada que tenho dificuldade de imaginar um clínico urbano

andando com ela. A ponteira reforçada de ferro está gasta, portanto é evidente que ele já andou muito com ela.

— Puro bom-senso! — disse Holmes.

— Depois tem essa história dos “amigos do C.C.H.”. Para mim deve ser Clube de Caça Alguma Coisa, o grupo local de caça a quem ele talvez tenha oferecido atendimento cirúrgico e que em retribuição lhe ofereceu uma pequena lembrança.

— Realmente, Watson, você é uma maravilha — disse Holmes empurrando a cadeira e acendendo um cigarro. — Sou obrigado a dizer que em todos os relatos que você teve a bondade de fazer de meus próprios modestos feitos, em geral você subestimou seus próprios talentos. Você pode até não ser uma pessoa luminosa, mas é um portador de luz. Há pessoas que, mesmo não sendo detentoras de genialidade, têm uma notável capacidade de estimulá-la. Confesso, querido companheiro, que estou muito em dívida com você.

Era a primeira vez que ele dizia esse tipo de coisa e devo confessar que suas palavras me proporcionaram vivo prazer, pois muitas vezes eu já me sentira ofendido por sua indiferença diante de minha admiração e de meus esforços para fazer propaganda de seus métodos! Além disso, eu estava me sentindo orgulhoso de pensar que já tinha suficiente domínio de seu sistema para aplicá-lo de forma que merecesse sua aprovação. Ele tomou a bengala de minhas mãos e a examinou durante alguns minutos a olho nu. Depois, com uma expressão de interesse, largou o cigarro e se aproximou da janela com a bengala, que voltou a examinar com o auxílio de uma lupa.

— Elementar, mas interessante — disse ele ao voltar para seu canto predileto do sofá. — A bengala fornece uma ou duas informações, sem dúvida. Serve de ponto de partida para diversas deduções.

— Há alguma coisa que não percebi? — perguntei, com certa presunção. — Espero não ter perdido nada de muito significativo!

— Sinto informá-lo, meu caro Watson, que quase todas as suas conclusões estavam erradas. Para ser sincero, quando eu disse que você me estimulava estava querendo dizer que ao perceber suas falácias eu era encaminhado para a verdade. Não que você esteja totalmente errado no caso que estamos examinando. O homem é um médico do interior, quanto a isso não há dúvida. E anda muito.

— Então eu estava certo.

— Só nisso.

— Mas é só isso!

— Não, não, meu caro Watson, não é só isso, de forma alguma. Eu sugeriria, por exemplo, que um presente de reconhecimento a um médi-



— Esta bengala está tão castigada que tenho dificuldade de imaginar um clínico urbano andando com ela.